


INSTITUTO	
	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL JB	
Fonte	
Data	11/2/2002 Pg 6
Class.	469

Selo Verde

As dimensões e riquezas brasileiras criaram a falsa consciência de que os recursos do gigante adormecido são ilimitados. Um dos problemas que preocupam as autoridades e motivam críticas de ambientalistas em todo o mundo é a extração indiscriminada e criminosa de mogno da Amazônia. O governo, através da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), estuda a criação de um selo verde, que ateste que o mogno cortado e exportado não causou impacto ambiental.

A idéia é boa e atenuaria problemas como o ocorrido semana passada no Pará, com a identificação pela Polícia Federal de duas quadrilhas, organizadas nos moldes dos bandos de traficantes, que cortam e exportam clandestinamente grandes quantidades de mogno, árvore já ameaçada de extinção.

Os traficantes de madeira pagam aos caboclos e índios um quilo de sal (R\$ 0,60) por árvore de mogno, revendida pelos contrabandistas a R\$ 20 mil o metro cúbico. Ao ser derrubada, a árvore, por seu porte, provoca uma pequena catástrofe ecológica ao derrubar várias outras árvores e arbustos de menor porte e permitindo que o sol chegue até o solo matando a vegetação de sombra. Para remover as árvores derrubadas, geralmente usando tratores e correntes, o meio ambiente é ainda mais agredido.

Estabelecer um selo verde e fiscalizar a exportação de mogno é importante. Mas convém não esquecer que enquanto europeus, japoneses e americanos valorizarem móveis de mogno ou usarem a madeira para criar ambientes, como o gigantesco deque da nova e enorme Biblioteca de Paris, inaugura-

da por François Mitterrand, sempre haverá quem venda. É a simples lei da oferta e da procura. Mercado em estado puro.

Os países do Primeiro Mundo não podem continuar tendo um discurso duplo, cobrando dos países amazônicos, notadamente do Brasil, a preservação da floresta e manifestando, ao mesmo tempo, disposição para pagar qualquer preço e absorver com sofreguidão todo o mogno disponível no mercado. É exatamente como o negócio da droga. Enquanto houver viciados, haverá quem plante, quem fabrique e quem trafique.

A floresta amazônica não é, nem deve ser, um museu zoobotânico. Há imensas riquezas biológicas e minerais que podem e devem ser exploradas. Mas essa exploração será feita preservando-se o meio ambiente, de modo a não acabar por matar a própria galinha dos ovos de ouro.

A médio prazo, será preciso pesquisar madeiras capazes de substituir o mogno e buscar meios de cultivo da árvore (medida a longo prazo), enquanto não for possível manipular geneticamente a planta, clonando-a ou acelerando o seu crescimento.

Não basta conscientizar e reprimir os produtores. Os consumidores também devem ser responsabilizados. Uma possibilidade seria a de fazer campanhas periódicas contra o consumo indiscriminado de mogno. Da mesma forma que se fizeram campanhas bem sucedidas contra o uso de peles animais e dos métodos cruéis de abate e retirada da pele. Com o selo verde o consumidor teria certeza de que a madeira não foi extraída às custas da destruição do meio ambiente.